

**Blog do Fausto Macedo**

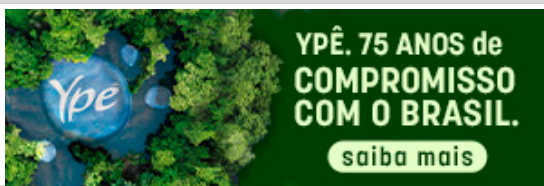
Notícias e artigos do mundo do Direito: a rotina da Polícia, Ministério Público e Tribunais

Seguindo

Opinião • | A COP que deveria projetar o Brasil — e acabou expondo suas fraquezas

Há quem diga que “o importante é ter sediado”. Mas não é bem assim. O importante era ter liderado. Era ter aproveitado a chance para demonstrar capacidade, articulação e experiência. Era ter mostrado ao

ção de uma floresta, mas tecnicamente competente



PUBLICIDADE



Por Thiago Lacerda Nobre

28/11/2025 | 16h30 • Atualização: 28/11/2025 | 16h35

Notícia de presente    

Havia algo de simbólico, quase inevitável, na ideia de realizar uma COP no coração da Amazônia. Depois de anos de disputas políticas internas, pressões ambientais externas e tentativas de reposicionamento global, o Brasil tinha ali uma chance rara: pegar a bandeira do clima, colocar-se no centro do palco e, enfim, exercer a liderança que tantos discursos prometeram. Não era uma oportunidade qualquer. Era uma oportunidade histórica. E, no entanto, o que se viu foi uma sucessão de falhas operacionais, constrangimentos diplomáticos e um desconfortável silêncio das grandes potências. Resultado: o país que sonhava liderar saiu menor do que entrou.

Leia também

- [Legados da Conferência de Belém \(COP-30\) para a transição justa](#)
- [Transição energética: o Brasil não pode esperar o mundo decidir por ele](#)
- [Direito e responsabilidade climática na Amazônia: uma perspectiva judicial para a COP-30](#)

Não faltou aviso. Meses antes da conferência, a ONU já demonstrava preocupação com os preços “incompatíveis” praticados pela rede hoteleira de Belém, valores que chegaram a ultrapassar, em várias vezes, a própria diária padrão paga pela UNFCCC às delegações de países pobres. Surgiram relatos de diárias multiplicadas por dez, vinte vezes o valor usual. O problema afetou sobretudo nações africanas, caribenhas e pequenos Estados insulares, justamente aqueles que mais dependem do processo multilateral. Quando uma COP começa com reuniões de emergência para tratar de hospedagem inacessível, algo já está fora do lugar.

A infraestrutura se arrastou sob crítica constante. Obra atrasada, improviso logístico, soluções apressadas — de navios-hotel a alojamentos alternativos — alimentaram a percepção, amplamente difundida na imprensa estrangeira, de que a cidade não estava pronta. E, quando o evento começou, o diagnóstico se confirmou. Houve alagamentos em pavilhões, infiltrações na Zona Azul, queda de energia, calor excessivo e áreas sem ar-condicionado, tudo minuciosamente relatado por veículos internacionais. Para culminar, uma carta dura da ONU, tornada pública pelo *Correio Braziliense*, apontou falhas de segurança, problemas estruturais e riscos operacionais. A mensagem era clara: *o padrão exigido não foi entregue*.

O incidente talvez mais emblemático da contradição logística veio da própria matriz energética do evento. Reportagens registraram a dependência de dezenas de geradores movidos a diesel — com cheiro constante e fumaça percebida por participantes — justamente na COP que deveria simbolizar a transição para energia limpa. O edital previa combustível renovável (B100), mas o governo alegou inviabilidade logística e compatibilidade técnica, optando pelo diesel comum. O efeito político foi devastador: a conferência que discutia a saída dos fósseis operava à base de fóssil.

A partir daí, a situação degringolou diante das câmeras. Manifestantes conseguiram ultrapassar barreiras e entrar na área restrita de negociações, provocando reações imediatas da UNFCCC. Dias depois, um incêndio em parte da estrutura causou evacuação em massa, suspensão de atividades e atendimento médico a pessoas afetadas pela fumaça, fato noticiado pela *Reuters* e pela *Associated Press*. Nada disso combina com um país que pretendia demonstrar maturidade institucional e capacidade de conduzir o debate climático global.

Mas talvez o ponto mais simbólico tenha sido o esvaziamento político. A COP30 registrou uma das menores presenças de chefes de Estado dos últimos anos, cerca de 60 líderes, segundo a *Reuters*. Para comparação, a COP28 contou com mais de 160. E, entre os ausentes, os gigantes: Estados Unidos, China, Índia, Itália, entre outros. Não se trata de mera contabilidade diplomática. Quando nenhuma grande potência se desloca até a cidade-sede, a leitura é inevitável: a conferência perdeu prioridade, e o anfitrião perdeu prestígio.

As próprias relações bilaterais sofreram arranhões públicos. O chanceler alemão Friedrich Merz, por exemplo, fez comentários depreciativos sobre Belém ao retornar para Berlim — o tipo de frase que, mesmo suavizada depois, revela o grau de desgaste percebido pelos visitantes. Na política internacional, símbolos importam. E este simbolismo, infelizmente, jogou contra o Brasil.

No campo substantivo, a frustração foi igualmente profunda. O documento final, aprovado após negociações estendidas, foi descrito por observadores e por governos como “fraco” e “vago”, com compromissos pouco operacionais, lacunas centrais e ausência de uma rota clara para lidar com combustíveis fósseis. A crítica mais dura veio de países europeus e de Estados vulneráveis do Pacífico, que viram o texto como incapaz de acelerar a transição energética ou amarrar metas verificáveis. Em resumo: a COP amazônica terminou com um acordo que não fez jus

ao que a Amazônia exigia e ao que o Brasil prometera liderar.

PUBLICIDADE

Some-se a isso um constrangimento social que também vazou para a imprensa: Belém está entre as capitais com pior cobertura de coleta de esgoto do país. Dados do Instituto Trata Brasil apontam que a cidade coleta cerca de 20% do esgoto gerado e trata apenas uma fração mínima disso. É difícil vender protagonismo ambiental quando a cidade-sede, símbolo do evento, expõe ao mundo a precariedade do saneamento básico na Amazônia urbana.

E como se não bastasse, surgiu ainda a sombra da desconfiança: entidades de controle social e imprensa apontaram riscos de superfaturamento e baixa transparência em contratos ligados às obras e serviços da COP30. A Transparência Internacional Brasil publicou alerta específico sobre a falta de dados claros, licitações sensíveis e o histórico de vulnerabilidade desse setor a corrupção, cobrando prestação de contas detalhada. Não é uma acusação fechada; é pior: é a reintrodução da suspeita. E suspeita, em política internacional, já é dano real.

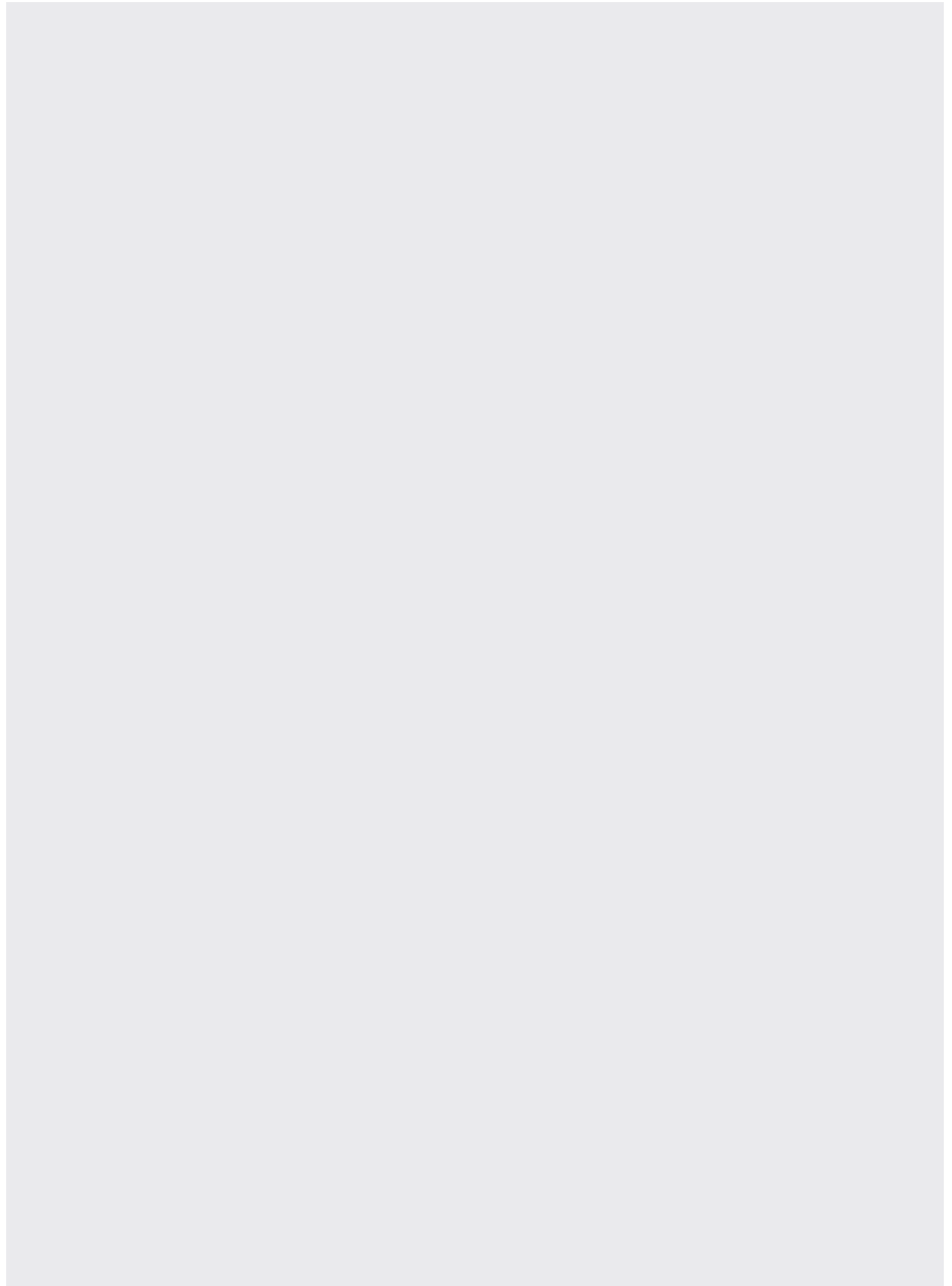
Não se trata aqui de negar os méritos da sociedade brasileira, nem de desconsiderar a potência ambiental que o país representa. Muito menos de atacar a Amazônia, patrimônio civilizatório que deveria nos inspirar responsabilidade e grandeza. Mas liderança internacional não se improvisa. Ela exige previsibilidade, competência administrativa, capacidade logística e sobriedade institucional. E nenhum desses elementos se mostrou presente de maneira consistente.

O saldo, portanto, é duro: a COP que deveria projetar o Brasil acabou expondo suas fraquezas. A vitrine virou espelho, e o reflexo não foi bom.

PUBLICIDADE

Há quem diga que “o importante é ter sediado”. Mas não é bem assim. O importante era ter liderado. Era ter aproveitado a chance para demonstrar capacidade, articulação e seriedade. Era ter mostrado ao mundo que o Brasil não é apenas guardião de uma floresta, mas também um ator confiável, preparado e tecnicamente competente para conduzir o debate climático global.

A Amazônia nos dá um lugar natural de destaque. Mas não garante liderança. Liderança se constrói. E, desta vez, ela escorregou pelas mãos.



Convidado deste artigo



Thiago Lacerda Nobre

Saiba mais ▾

Thiago Lacerda Nobre

Procurador da República. Foi procurador-chefe do MPF em São Paulo (2015 a 2019). Mestrando em Relações Internacionais pela UFABC. Especialista em Direito pela UNB. Autor do Código Florestal Comentado (Juruá, 2025, 2ª ed.). Foto: Arquivo pessoal

Conteúdo

As informações e opiniões formadas neste artigo são de responsabilidade única do autor. Este texto não reflete, necessariamente, a opinião do Estadão.

Compartilhar 

Siga nas redes 

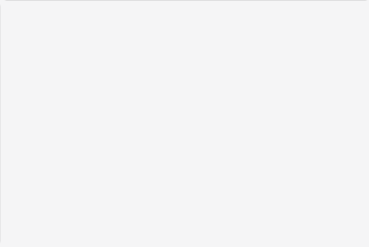
Encontrou algum erro? [Entre em contato](#)

Tudo Sobre

COP 30 [Conferência das Nações Unidas Sobre Mudança Climática]

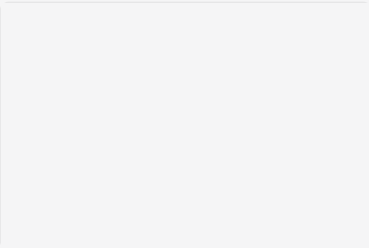
Últimas: **Política**

Mais lidas



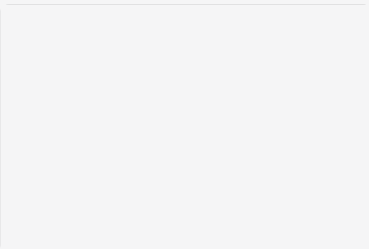
Bolsonaro pede nulidade e absolvição, cita voto de Fux e questiona trânsito em julgado em recurso

28/11/2025 | 18h51 | Pedro Augusto Figueiredo



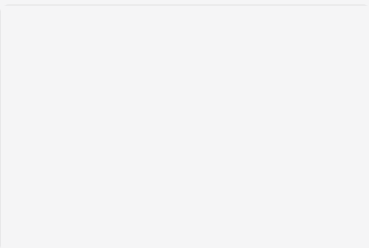
Entenda a investigação que acusa deputados do PL de corrupção passiva com o orçamento secreto

28/11/2025 | 18h11 | Bruna Rocha



‘Não foi uma festinha de domingo’, ‘cala boca já morreu: as frases icônicas de Cármen Lúcia

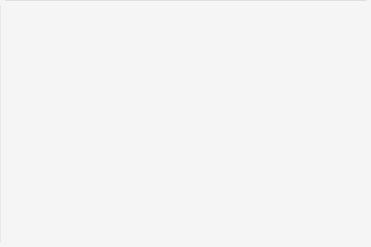
28/11/2025 | 17h52 | Adriana Victorino



Itamaraty cria regra que permite sigilo eterno a documentos antes públicos; especialistas criticam

28/11/2025 | 17h38 | Wesley Galzo

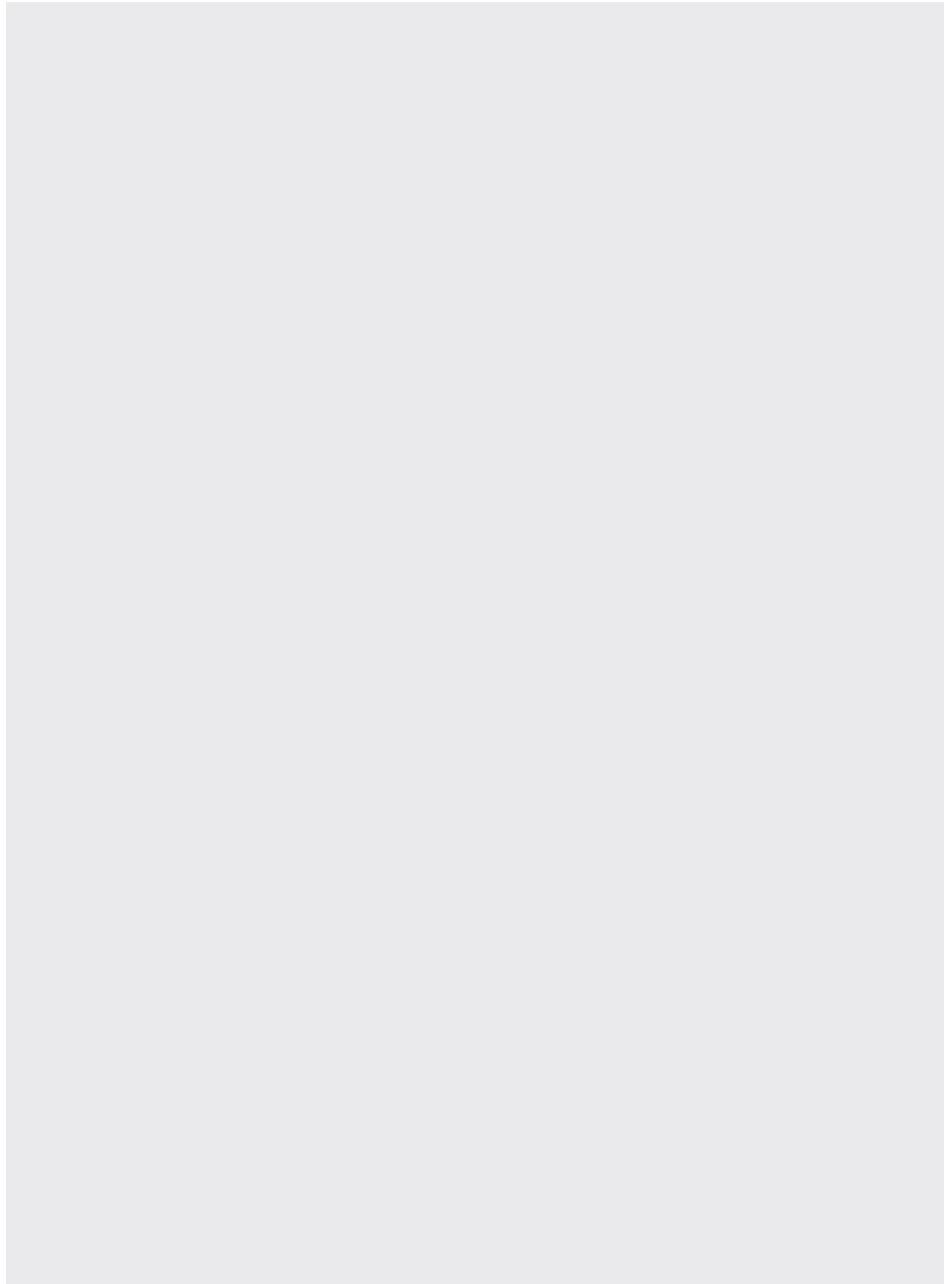
1. Taxa mínima de entrega de R\$ 10 pode aumentar preço do pedido em 22%, aponta iFood
2. Bolsonaro pede nulidade e absolvição, cita voto de Fux e questiona trânsito em julgado em recurso
3. Itamaraty cria regra que permite sigilo eterno a documentos antes públicos; especialistas criticam
4. Assessor tinha senha de desembargador para abrir processos e assinar sentenças, diz Corregedoria
5. Messias pede a senadores ajuda para falar com Alcolumbre e adiar sabatina no Senado



Ministério da Justiça faz quase 60 sugestões ao Senado para corrigir PL Antifacção de Derrite

28/11/2025 | 17h00 | Guilherme
Caetano

Mais em Política >



ATENDIMENTO

[Correções](#)

[Fale conosco](#)

[Portal do assinante](#)

[Trabalhe conosco](#)



Copyright © 1995 - 2025 Grupo Estado